

CULTURA ASCURRENSE

A curiosidade, o espanto, a admiração, frente ao mundo, a existência, a contemplação daquilo transcende o homem, que se apresenta anterior a sua presença num determinado tempo e espaço, ou que faz parte de sua presentidade, aquilo que poderá vir a ser, como resultado da imaginação, da projeção existencial, foi e é o que levou e leva o homem a pensar, refletir, a questionar o óbvio. O óbvio caracteriza-se por despercebidamente fazer parte de nosso cotidiano. Porém, para a maioria das pessoas, para o senso comum a partir do qual movem-se as vidas no caudal cronológico que a todos sem exceção consome, não é óbvio que o óbvio seja tão óbvio assim, ou dito de outra forma, pensadores articulados, impactantes, espíritos livres que se desafiaram e desafiam a dar um passo a frente do seu tempo, são aqueles que se perguntam pelo óbvio. Aquilo que para muitos é simplesmente o óbvio, para estes pensadores é algo a mais, talvez uma chave de compreensão do mundo em que vivem, da forma como ele se apresenta.

Nesta perspectiva, parabeno a iniciativa do Professor André Bazzanella em colocar em discussão a cultura ascurrense, de colocar em discussão o óbvio. Afinal as memórias vivas (**principalmente nossos idosos**) do esforço existencial ascurrense deixam este mundo todos os dias e com eles segue nosso passado, nossas raízes, a possibilidade de saber e talvez dizer quem somos e de talvez perceber quem não somos. A saudação é extensiva à direção do “Jornal Parole”, que ao abrir espaço para o “óbvio da cultura ascurrense” marca seu lugar na história desta pequena e aconchegante cidade e através desta nobre atitude deixa claro que em tempos de consumo frenético de novidades, há alguém querendo pensar sobre “lê parole dei altri tempi”.

Hegel () em sua filosofia da história deixa claro que para que um povo tome consciência de si, que consiga tomar a si próprio como objeto, ou seja, que assuma nas próprias mãos a sua vida de forma soberana, independente, livre é necessário que se encontre com seu passado, que remexa em seu caldo cultural - construído com os mais variados ingredientes, entre eles podem-se encontrar feitos notáveis, efusivos, mas também pode-se encontrar violência, brutalidade, dor e sofrimento - na tentativa de resgatar possibilidades esclarecedoras sobre sua forma de ser e estar no mundo.

Este olhar para o passado cultural se apresenta na possibilidade de entendermos por que somos desta forma no presente, ou, porque não somos diferentes. Na perspectiva hegeliana é sobre o tapete da história que caminha a razão de um povo. A razão se revela através do fio condutor de sua história. Encontrar-se como povo ascurrense exige que nos defrontemos com determinadas formas de pensar e agir que ao longo do tempo nos trouxe até aqui. Aquilo que somos é o resultado do que fizemos, ou deixamos de fazer historicamente. À responsabilidade por aquilo que somos é inteiramente nossa, de nossas escolhas, de nossas opções.

Porém, não se trata aqui de olhar para a história na procura de heróis, ou vilões, de perder-se a si próprio no saudosismo de um glorioso tempo passado (o mito do paraíso perdido), ou ainda, de trazer à atualidade aspectos culturais de outrora que não representam, ou não encontram amparo na vida das pessoas (no Vale-do-Itajaí estamos repletos de situações deste gênero “pingüins de geladeira” em clima sub tropical a milhares de quilômetros dos pólos). Ou mesmo, cultivar hábitos e costumes de um tempo passado que não possui mais referências no local de origem, desta forma criando esteriótipos, ou uma espécie “parques temáticos” históricos.

Outro pensador significativo neste debate em torno da cultura ascurrense é Friedrich W. Nietzsche (1844 a 1900), filósofo alemão que nos apresenta a “genealogia da história” como condição de vasculharmos a história em busca de tudo aquilo que nos transforma em espíritos de gravidade no presente, ou seja, procurar por toda moral, hábitos, costumes que limitam as condições de expansão de nossa vida no presente. Assim, o método genealógico é uma busca pelas origens da forma como representamos o mundo, por tudo aquilo que é estrangeiro à vida. Ou seja, assumir-se como “espírito livre”, como ascurrenses que buscam seu lugar na dinâmica do mundo, exige tomar a própria história nas mãos, assumir a história como terreno em que se estabelece o combate vital, como o espaço da luta de forças vitais em que sobrevivem aqueles que tem coragem de ousar, capacidade de enxergar o óbvio e colocar em jogo com os demais suas visões de mundo. De dar-se conta que a cultura é o resultado destes combates que se desenrolam na história de um povo e que antes de ser algo estático e congelado no tempo, a cultura é algo extremamente dinâmico, por ser realização “humana, demasiadamente humana.”

Professor Sandro Luiz Bazzanella – Formado em Filosofia – Doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC – Vice-coordenador do Curso de Ciências Sociais da Universidade do Contestado de Canoinhas e Diretor Pedagógico do Instituto Veritas.